



ESCOLA DE
HUMANIDADES

ESTUDOS IBERO-AMERICANOS

Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 1-15, jan.-abr. 2021
e-ISSN: 1980-864X | ISSN-L: 0101-4064

<http://dx.doi.org/10.15448/1980-864X.2021.1.38157>

DOSSIÊ: HISTÓRIA DAS MULHERES, DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E DAS SEXUALIDADES DISSIDENTES – VOL. 47, N. 1

As mulheres e suas tramas impressas: reflexões para um repensar historiográfico – Rio de Janeiro e Buenos Aires, 1852-1855

Women and their printed plots: reflections for a historiographic rethink – Rio de Janeiro and Buenos Aires, 1852-1855

Las mujeres y sus tramas impresas: reflexiones para un replanteamiento historiográfico – Río de Janeiro y Buenos Aires, 1852-1855

Bárbara Figueiredo

Souto¹

orcid.org/0000-0001-9344-0571
barbara.souto@unimontes.br

Recebido em: 16/05/2020.

Aprovado em: 07/01/2021.

Publicado em: 30/04 2021.

Resumo: O objetivo deste artigo é realizar uma breve reflexão sobre a quase total exclusão das mulheres no campo historiográfico, mais especificamente nas áreas da história da imprensa e no âmbito das produções da história intelectual no Brasil e na Argentina, principalmente no que se refere às discussões sobre o século XIX. Além disso, almeja-se analisar a atuação das mulheres na imprensa, durante os anos iniciais da década de 1850, em periódicos de propriedade feminina e perspectiva feminista. Para tanto, utiliza como fonte os periódicos *Jornal das Senhoras*, veiculado no Rio de Janeiro, entre 1852 e 1855; *La Camelia* e *Album de Señoritas*, ambos publicados em Buenos Aires, sendo o primeiro veiculado em 1852 e o segundo em 1854. A partir das análises, constata-se que a atuação das mulheres na imprensa oitocentista propicia uma releitura das tramas sociais no Rio de Janeiro e em Buenos Aires e as problematizações historiográficas constataam a necessidade de ampliar as abordagens realizadas pela história da imprensa e pela história intelectual, inserindo também a ação e a produção das mulheres nos processos históricos brasileiro e argentino.

Palavras-chave: Mulheres. Imprensa. Século XIX. Rio de Janeiro. Buenos Aires.

Abstract: The purpose of this article is to conduct a brief reflection on the almost total exclusion of women in the historiographic field, more specifically in the areas of press history and in the scope of intellectual history productions in Brazil and Argentina, especially with regard to discussions on the 19th century. In addition, it aims to analyze the performance of women in the press, during the early years of the 1850s, in female-owned journals and a feminist perspective. To this end, it uses the periodicals *Jornal das Senhoras*, published in Rio de Janeiro, between 1852 and 1855 as a source; *La Camelia* and *Album de Señoritas*, both published in Buenos Aires, the first being published in 1852 and the second in 1854. From the analysis, it appears that the performance of women in the 19th century press provides a reinterpretation of social plots in Rio de Janeiro and Buenos Aires and the historiographical problematizations show the need to expand the approaches taken by the history of the press and by intellectual history, also including the action and production of women in the Brazilian and Argentine historical processes.

Keywords: Women. Press. XIX century. Rio de Janeiro. Buenos Aires.

Resumen: El propósito de este artículo es realizar una breve reflexión sobre la exclusión casi total de las mujeres en el campo historiográfico, más específicamente en las áreas de historia de la prensa y en el alcance de las producciones de historia intelectual en Brasil y Argentina, especialmente con respecto a las discusiones sobre el siglo 19. Además, tiene como objetivo analizar el desempeño de las mujeres en la prensa, durante los primeros años de la década de 1850, en revistas propiedad de mujeres y una perspectiva feminista. Para este



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

¹ Universidade Estadual de Montes Claros, (Unimontes), Montes Claros, MG, Brasil.

fin, utiliza las publicaciones periódicas *Jornal das Senhoras*, publicado en Rio de Janeiro, entre 1852 y 1855 como fuente; *La Camelia* y *Album de Señoritas*, ambos publicados en Buenos Aires, el primero publicado en 1852 y el segundo en 1854. Del análisis, parece que el desempeño de las mujeres en la prensa del siglo XIX proporciona una reinterpretación de las tramas sociales en Rio de Janeiro y en Buenos Aires y las problematizaciones historiográficas muestran la necesidad de ampliar los enfoques adoptados por la historia de la prensa y la historia intelectual, incluida también la acción y la producción de mujeres en los procesos históricos brasileños y argentinos.

Palabras clave: Mujeres. Prensa. Siglo XIX. Rio de Janeiro. Buenos Aires.

Introdução

A historiografia latino-americana tem se apresentado como um espaço aberto de possibilidades reflexivas. Nos últimos anos, as narrativas históricas se enveredaram por caminhos que pareciam improváveis algumas décadas atrás. Para além da multiplicidade de métodos, fontes e objetos revelados, atualmente vivemos um cenário fértil de troca de saberes, permitindo aos(as) historiadores(as) refletir e caminhar *com* sujeitos conscientes e que têm muito o que dizer. Se nas últimas décadas do século XX, a historiografia mais engajada lutava para "dar voz" àqueles(as) que pareciam apagados(as) da nossa história, hoje sabemos que os indivíduos foram/são detentores de vozes intensas, cabendo a nós um pouco mais de percepção – e talvez, empatia – para compreendermos cada vez melhor a complexidade das tramas históricas.

É preciso não perder de vista que as narrativas históricas estão sempre em disputa e o cenário recente da América Latina tem revelado isso de forma magistral. Se agentes políticos com perspectivas conservadoras têm vindo à tona e se apropriado de versões, um tanto quanto questionáveis, da história para exercer poderes sob os(as) cidadãos(ãs), também é fato que os movimentos sociais e os(as) intelectuais comprometidos(as) com os métodos científicos têm se mobilizado para construir narrativas outras, sonhando com um "outro mundo possível".

Nesse sentido, novos problemas de pesquisa

propiciaram releituras dos períodos históricos, afinal, o trabalho reflexivo não fica apartado das lutas cotidianas. Ao pensarmos no campo da História das Mulheres e das Relações de Gênero, não podemos deixar de mencionar a relevância de articulações como os movimentos feministas, LGBTQIA+ e negros, por exemplo. É no bojo de tais releituras que almejo contribuir, constatando apagamentos históricos e historiográficos das mulheres e repensando aspectos da sociedade carioca e portenha, durante os anos 1850.

Apesar de termos registros impressos da produção das mulheres oitocentistas, em geral, a historiografia negligenciou a agência delas, deixando-as apartadas das narrativas históricas e historiográficas. Portanto, objetivo neste trabalho fazer uma breve reflexão sobre a quase total exclusão das mulheres no campo historiográfico, mais especificamente nas áreas da história da imprensa e no âmbito das produções da história intelectual no Brasil e na Argentina, principalmente no que se refere às discussões sobre o século XIX. Além disso, farei uma análise da atuação das mulheres na imprensa, durante a década de 1850, em periódicos de propriedade feminina e perspectiva feminista.² Para tanto, utilizarei como fonte os periódicos *Jornal das Senhoras*, veiculado no Rio de Janeiro, entre 1852 e 1855; *La Camelia*³ e *Album de Señoritas*, ambos publicados em Buenos Aires, sendo o primeiro veiculado em 1852 e o segundo em 1854.

Dito isto, questiono: podem as mulheres de imprensa oitocentistas nos apresentarem outras possibilidades de leitura das sociedades carioca e portenha de seu tempo?

História da Imprensa: uma história com falsas impressões

Ao analisar as comemorações de 1908, em razão do "primeiro centenário da imprensa periódica no Brasil", organizadas por funcionários do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Laura Antunes Maciel percebeu que, ainda que o objetivo fosse elaborar uma "Exposição de todos

² No tópico "Mulheres oitocentistas em cena", justificarei o adjetivo "feminista" para caracterizar os periódicos analisados neste artigo.

³ Mantereí a grafia original dos nomes próprios e transcrições das fontes.

os jornais publicados no Brasil, no século decorrido de 1808 a 1907”, houve explícita seletividade na eleição de periódicos para narrarem a história da imprensa brasileira. A historiadora constatou que, por meio da omissão ou de informações superficiais a respeito da “pequena imprensa” (periódicos de variedades, humorísticos, de resistência), ratificou-se a supremacia dos “grandes diários” com caráter mais conservador e ligados ao poder. Nas palavras de Maciel:

Evidentemente, não se trata de esquecimento involuntário mas de escolhas orientadas por suas concepções e posicionamentos frente ao fazer jornalístico e histórico, que nos remetem para a seletividade das memórias preservadas e a necessidade de empreender uma análise crítica sobre os materiais aos quais atribuímos o estatuto de fontes históricas, no passado, e no presente (MACIEL, 2009, p. 66).

Fica evidente que a seletividade da memória da imprensa gera obstáculos que podem influenciar nosso presente, inclusive na profissão dos(as) historiadores(as). Afinal, conforme Maciel, as seleções efetivadas no passado e consagradas como memória social foram perpetuadas entre gerações, afetando produções historiográficas no século XX. Sendo assim, as produções pioneiras sobre a história da imprensa sustentaram uma narrativa no singular, com o intuito de abarcar a universalidade de periódicos, balizando “a imprensa periódica”.

Marcada por um caráter elitizante e excludente, essa história da imprensa preserva apenas a memória dos grupos sociais dirigentes, dos seus meios de expressão e formação da opinião – a chamada grande imprensa –, os símbolos da sua cultura e da sua intervenção social –, sempre apresentados como universais, consensuais e verdadeiros, expropriando a maioria da população de sua memória e história (MACIEL, 2009, p. 68).

Essa seleção, elitizante e excludente, afetou a preservação – material e imaterial – dos registros da memória da imprensa. Maciel destacou que as instituições guardiãs de documentação possuem como critério de preservação as demandas de pesquisa e solicitações de acesso. Deste modo, a digitalização e a recuperação dos acervos históricos também são seletivas. Devido a isso, a autora criticou: “Em geral, a organização de

instrumentos de busca para a democratização do acesso à memória popular tem sido negligenciada pelos pesquisadores e gestores desses acervos” (MACIEL, 2009, p. 75-76).

Com preocupação semelhante, Constância Lima Duarte constatou que a imprensa feminina no Brasil é quase invisível nos principais trabalhos sobre a história da imprensa. Conforme a autora,

independente da extensão e da importância desses estudos, em sua maioria eles realizam análises pontuais de um jornal, ou tratam do conjunto a partir de uma visão historicista, sem se deter na especificidade daqueles pensados para mulheres (DUARTE, 2016, p. 15).

De acordo com Duarte, apenas a partir da década de 1980, contexto em que as brasileiras aumentaram a produção de sua própria história nas academias, os periódicos femininos foram “descobertos” e tornaram-se fontes para a elaboração de livros, teses, dissertações e artigos (DUARTE, 2016, p. 17).

Minhas pesquisas indicaram grande semelhança entre este cenário brasileiro e a situação argentina. Enquanto, no Brasil, o IHGB elaborou uma exposição para marcar o centenário da imprensa, na Argentina, o *Círculo de la Prensa* promoveu um concurso de redação para consolidar uma história do *periodismo* argentino, comemorando o 50.º aniversário da instituição. No concurso, o vencedor foi Juan Romulo Fernandez, que escreveu a obra *Historia del periodismo argentino*, publicada em 1943. O autor construiu uma narrativa minuciosa dos acontecimentos políticos e daqueles considerados grandes líderes argentinos, associando-os ao desenvolvimento da imprensa na região. É notável a intenção de engrandecimento da pátria e do papel desempenhado pela imprensa nos acontecimentos da política nacional mencionados na obra. Nessa narrativa, ilustrada com imagens de órgãos da imprensa e dos personagens, fica evidente a grande seletividade de impressos, focando nas folhas mais reconhecidas e mais ativas no desenrolar das tramas políticas. Logo, as mulheres de imprensa não foram escolhidas para compor essa história argentina. Dentre as redatoras oitocentistas, houve menção apenas a Juana Paula Manso e Juana Gorriti:

También cuadra consignar la actuación de la mujer en nuestro periodismo. Como lejano precedente surge el nombre de Juana Gorriti, salteña, hija de un argentino guerrero de la Independencia, y esposa de un presidente de Bolivia, que colaboró en distintos periódicos hasta después de 1880. Más tarde actuaron en la prensa Juana Manso, Raquel Caamaño y Ada María Elfein; esta última fué hacia 1910 la primera mujer que trabajó en un diario (*La Prensa*) sometida ao régimen que la tarea comporta. Hoy son muchas las mujeres que trabajan en diarios, algunas en secciones de redacción y otras en tareas de administración [...] (FERNANDEZ, 1943, p. 95).

Ao escrever sobre Juana Gorriti, Fernandez enfatizou a paternidade e o casamento, e não os atributos próprios daquela mulher de letras. Demonstrou-se evidente desconhecimento – ou intencional apagamento – da trajetória de Juana Gorriti, negligenciando os periódicos que fundou e os romances que havia publicado.⁴ O autor escolheu registrar na memória argentina a participação bélica do pai e o importante cargo ocupado pelo marido, negligenciando as ações da escritora. Fernandez também não mencionou os empreendimentos da fundadora do *Jornal das Senhoras*, que, desde meados do século XIX, atuou e publicou no Uruguai, no Brasil e na Argentina. Apenas em páginas posteriores, encontrei o título *Album de Señoritas* (1854), indicando que se tratava de uma revista, mas sem mencionar a proprietária ou analisar seu conteúdo (FERNANDEZ, 1943, p. 111). Portanto, Fernandez foi pouco cuidadoso ao analisar a atuação das mulheres na imprensa, que, no caso argentino, remonta à primeira metade do século XIX.

Também no ano de 1943, foi publicada a obra de Oscar R. Beltrán, *Historia del periodismo argentino: pensamiento y obra de los forjadores de la patria* (BELTRÁN, 1943). O autor elaborou uma história da imprensa argentina, retomando os pioneiros no setor e traçando uma cronologia, iniciada com a retomada do primeiro *periodista*

argentino, Hipolito Vieytes, proprietário do *Semanario de Agricultura, Industria e Comercio*, fundado em 1802. A obra foi organizada conforme os marcos políticos, pensando a imprensa no período colonial, no contexto da luta pela independência, durante o governo de Rosas, após a Batalha de Caseros etc. Desta maneira, o autor realizou uma análise factual de períodos históricos, mencionando inúmeros periódicos e tecendo biografias dos fundadores, em uma tentativa de agregar o maior número possível de jornais. Entretanto, foi dada ênfase nas publicações oficiais e naquelas fundadas por personagens reconhecidos. Portanto, assim como no caso brasileiro, os impressos femininos e feministas foram quase apagados da história da imprensa argentina.

Beltrán analisou o periódico *La Aljaba* (1830), fundado e dirigido por Petrona Resende,⁵ de maneira muito sucinta, não utilizando sequer meia página de escrita, enquanto na análise de impressos como *Gaceta de Buenos Ayres* (1810), fundado por Mariano Moreno, dedicou várias páginas. No caso do periódico *La Camelia*, o autor apenas mencionou seu título e descreveu que foi "escrito por una mujer y que proclamaba la igualdad entre ambos sexos" (BELTRÁN, 1943, p. 240). Em relação às publicações da segunda metade do século XIX, a negligência do autor para com os impressos feministas foi maior, afinal, ele ignorou os periódicos *Album de Señoritas* (1854), *La Alborada del Plata* (1877-1878), *Alborada Literaria del Plata* (1880) e *La Voz de la Mujer* (1896-1897).

Mais de sessenta anos depois, em 2006, o historiador Miguel Ángel de Marco publicou a obra *Historia del periodismo argentino: desde los orígenes hasta el centenario de Mayo*, em que analisou as origens da imprensa argentina até o início do século XX (DE MARCO, 2006). Observo a permanência dos marcos tradicionais da historiografia na organização da obra,⁶ havendo clara

⁴ Sobre a autora, ver: GUIDOTTI, 2011.

⁵ Esta mulher, que foi pioneira ao lançar um periódico na Argentina, era Uruguaia e se dedicava à docência e à literatura (SOSA DE NEWTON, 2000, p. 174).

⁶ Os capítulos da obra foram intitulados da seguinte maneira: "Primeras manifestaciones periodísticas"; "Los órganos de la revolución"; "La búsqueda de la independencia y la organización del Estado"; "En la época de la disolución nacional"; "El periodismo en el país y en exilio durante la dictadura de Rosas"; "La prensa del país dividido (1852-1861)"; "Reorganización política, enfrentamientos civiles y una guerra internacional"; "Entre los mandatos de Sarmiento y Avellaneda"; "Avances tecnológicos, compromiso político y afanes culturales"; "Una década de desarrollo y de conflictos"; e "Hacia el Centenario".

valorização dos empreendimentos masculinos e dos personagens mais conhecidos por suas atividades políticas e comerciais, negligenciando, desta maneira, os periódicos feministas.

Constatei que, tal como no Brasil, a construção da memória e da história da imprensa na Argentina possui abordagem historicista, privilegiando o resgate das origens, os grandes homens e seus feitos heroicos. Entretanto, poder-se-ia argumentar que é natural e previsível que tais narrativas confirmem destaque aos grandes homens, haja vista que eles eram (e continuam sendo) protagonistas no espaço público. De fato, estou tratando de sociedades nas quais o lugar destinado às mulheres era o âmbito privado. Porém, considero importante questionar: nós, historiadores(as), ao nos limitarmos a reconhecer tal obviedade não estaríamos contribuindo para a reprodução historiográfica dessa realidade social e dessas narrativas que colocam as mulheres em segundo plano, sendo, em geral, silenciadas e apagadas da história da imprensa? Afinal, ao nos limitarmos a apenas registrar o protagonismo dos homens no espaço público, perpetuamos relações de poder históricas que impunham silêncios às mulheres. Ou seja, nós, historiadores(as), poderíamos estar colaborando para transformar o silenciamento histórico em um silenciamento historiográfico, ao não chamar a atenção para essas mulheres que estavam em luta para se fazerem presentes no espaço público.

As mulheres na historiografia: silenciamentos aqui e acolá

Não foram apenas as escritas das histórias da imprensa brasileira e argentina que silenciaram o protagonismo das mulheres. Ao refletir sobre a trajetória do campo historiográfico nos dois países, deparei-me com similitudes em relação à tardia e diferenciada inserção das mulheres enquanto objeto de estudos dos(as) historiadores(as).

Joana Maria Pedro e Rachel Soihet, ao realizarem uma análise sobre "a emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero", constataram:

A fertilidade dos dias atuais contrasta, entretanto, com a **trajetória difícil** que a categoria de análise 'gênero' enfrentou no campo historiográfico. Nas ciências humanas, a disciplina História é certamente a que mais tardiamente apropriou-se dessa categoria, assim como da própria inclusão de 'mulher' ou de 'mulheres' como categoria analítica na pesquisa histórica (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 284).

Segundo as autoras, parte desse atraso na disciplina História poderia ser explicado pelo "caráter universal atribuído ao sujeito da história, representado pela categoria 'homem'" (SOIHET; PEDRO; 2007, p. 284). Desta forma, todos os indivíduos, inclusive as mulheres, deveriam se sentir representados por tal categoria homogeneizante. No Brasil, a partir dos anos de 1970, tal universalização do sujeito foi colocada em xeque com a produção de trabalhos – publicados na década seguinte – de historiadoras pioneiras como Maria Odila Leite da Silva Dias (DIAS, 1984), Luzia Margareth Rago (RAGO, 1985), Miriam Moreira Leite (LEITE, 1984), Martha de Abreu Esteves (ESTEVES, 1989), Magali Engel (ENGEL, 1989), Rachel Soihet (SOIHET, 1989) e Eni de Mesquita Samara (SAMARA, 1989). É importante ressaltar também as publicações da brasilianista June E. Hahner (HAHNER, 1978, 1981), através das quais ela identificou uma série de periódicos produzidos por mulheres no Brasil e que ainda estavam por ser estudados. Segundo Margareth Rago, a presença maciça das mulheres no meio acadêmico foi elementar para esse deslocamento na "produção dos saberes", tendo em vista que elas "passaram a reivindicar seu lugar na História" (RAGO, 1998).

A historiografia argentina também demorou a inserir as categorias de análise "mulher", "mulheres" e "gênero" em suas reflexões. Conforme Valeria Pita, nos anos 1990, a categoria gênero tornou-se predominante nos estudos sobre as mulheres, entretanto, houve explícito atraso ao comparar com outros campos das Ciências Humanas como a Filosofia e a Psicanálise (PITA apud BALBUENA; CONSTANZA, 2012, p. 6). Dora Barrancos afirmou que a área dedicada aos estudos das mulheres na academia foi "morosa en comparación con el profuso agendamiento que se vivía en ámbitos paralelos a las altas casas

de estúdio" (BARRANCOS, 2004, p. 45). Portanto, a historiografia argentina favoreceu outras perspectivas e abordagens em detrimento da História das Mulheres e dos Estudos de Gênero.

Sendo assim, tal como no Brasil, apenas na década de 1970 foram produzidas as primeiras reflexões "en torno a la Historia de las Mujeres que se propusieron honrar con mayor rigor⁷ las reglas del juego disciplinario" (BARRANCOS, 2004, p. 41). Neste contexto, surgiram alguns trabalhos pioneiros, tais como os de Lily Sosa de Newton (SOSA DE NEWTON, 1967; 1972), Catalina Wainermann e Marysa Navarro (WAINERMANN; NAVARRO, 1979), María Del Carmen Feijóo (FEIJÓO, 1980), Mirta Henault (HENAULT, 1983), Inés Cano (CANO, 1982), Estela dos Santos (DOS SANTOS, 1983), Lúcia Gálvez (GÁLVEZ, 1986) e Julia Silvia Guivant (GUIVANT, 1980).

Neste panorama, é importante notar que o trabalho da última pesquisadora argentina mencionada foi desenvolvido no Brasil – na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a qual asseverou que "é impossível dissociar minha carreira acadêmica da situação política argentina na década de 70" (GUIVANT, 2016, p. 9). Afinal, a vinda da filósofa para o Brasil, no ano de 1976, foi necessária em razão da repressão da ditadura implantada em sua terra natal. Ao residir em São Paulo, Julia Silvia Guivant teve a oportunidade de se inserir no Mestrado na Unicamp. Segundo registros em seu Memorial:

Marisa Correia, professora de antropologia, me introduziu numa forma de pensar desconhecida para mim, mas de alguma maneira intuitivamente assumida no meu cotidiano: a do feminismo. A partir da iniciativa de Marisa e também de Verena Martinez-Alier (na época e depois Verena Sockler) foi formado um grupo de conscientização feminista. Éramos poucas incluindo-se algumas outras alunas como eu. O contato com a bibliografia feminista me levou a uma identificação total. E aí encontrei o novo tema para meu mestrado: o discurso político de Eva Perón sobre as mulheres (GUIVANT, 2016, p. 13).

Conforme registrado por Julia Silvia Guivant, foi no Brasil que ela teve contato com os debates sobre o feminismo, fato que possibilitou a delimitação do seu tema de mestrado. Dora Beatriz Barrancos, outra argentina que se tornou pesquisadora dos estudos sobre as mulheres, também teve contato efetivo com o movimento feminista no Brasil (OSTA VÁZQUEZ, 2009, p. 926). A meu ver, esses exemplos são significativos ao revelar experiências compartilhadas entre brasileiras e argentinas; além de apresentar o cruzamento de trajetórias entre o campo de estudos da História das Mulheres no Brasil e na Argentina.

A importância dos movimentos feministas no processo de desenvolvimento e consolidação do campo de pesquisa História das Mulheres e Estudos de Gênero é reconhecida por várias estudiosas da área, seja em nível nacional ou mundial. A trajetória dessa área de produção de saber, no Brasil e na Argentina, esteve articulada com as lutas feministas da segunda metade do século XX.⁸ É instigante observar que a publicação, na França, da coletânea *História das Mulheres no Ocidente*, nos anos de 1991 e 1992 (PEDRO, 2011, p. 272), bem como suas traduções para o português e para o espanhol, no ano de 1993, "constituyó un estímulo central a nuestra historiografía, aun porque esta producción, si bien centralmente orientada hacia la experiencia europea, hizo un lugar a las contribuciones de colegas⁹ latinoamericanas" (BARRANCOS, 2004, p. 40). Além disso, o sucesso da coletânea estimulou a publicação de obras similares em vários países. No caso brasileiro, ficou a cargo de Mary del Priore coordenar o livro *História das Mulheres no Brasil*,¹⁰ publicado em 1997 (DEL PRIORE, 1997). Três anos depois, foi publicada a coletânea *Historia de las mujeres en la Argentina*, sob a direção de Fernanda Gil Lozano, Valeria Silvana Pita e María Gabriela Ini (GIL LOZANO; PITA; INI, 2000). Outro elemento marcante,

⁷ A autora enfatiza essa questão, pois ao longo do século XX foram publicadas obras pontuais que colocavam as mulheres em cena. Entretanto, tais "esfuerzos iniciáticos" não se adequavam ao rigor historiográfico, devido à carência de preocupações conceituais nas análises (BARRANCOS, 2004, p. 36-37).

⁸ A título de exemplo, ver: BALBUENA; CONSTANZA, 2012; BARRANCOS; DORA, 2004; SOIHET, 1997; SOIHET; PEDRO, 2007.

⁹ Trata-se das contribuições das argentinas Susana Bianchi e Cristina Iglesias; das brasileiras Eni de Mesquita Samara e Maria Izilda de Matos; e da mexicana Gabriela Cano.

¹⁰ Quinze anos após essa publicação, Carla B. Pinsky e Joana Maria Pedro organizaram a obra *Nova história das mulheres no Brasil*. Segue a referência: PINSKY; PEDRO, 2012.

que colaborou para o fortalecimento e o próprio repensar dos trabalhos no campo da História das Mulheres, inclusive no Brasil e na Argentina, foi o contato com as obras de teóricos ligados ao pós-estruturalismo, principalmente com as produções do filósofo francês Michel Foucault.¹¹

Na década de 1990, no Brasil e na Argentina, inseriu-se a discussão da categoria "gênero", inspirada principalmente pelos trabalhos da historiadora norte-americana Joan Scott (RAGO, 1998, p. 89-98; BARRANCOS, 2004, p. 39-40). O aprofundamento desse debate tornou o campo de estudos sobre as mulheres mais sofisticado e amplo. Contudo, a desconfiança em relação a essa área da História ainda permanece, em pleno século XXI. A este respeito, Andrea Andújar declarou o impacto dessa postura no quesito financiamento de projeto:

E eu creio que essa escassez de recursos não é casual, ela indica o nível de resistência que a formação acadêmica argentina coloca sobre a importância de se fazer uma História, uma Educação, uma Filosofia, reconhecendo a perspectiva de gênero" (VEIGA, 2010, p. 228).

Nesse sentido, corroboro Diva Muniz ao constatar a existência de um "arraigado preconceito" entre os(as) historiadores(as) quanto à legitimidade do campo História das Mulheres e Estudos de Gênero. Essa prática revela "a inclusão diferenciada e desigual das mulheres no discurso historiográfico." Isto porque, na conjuntura atual, "as mulheres são ainda percebidas e reconhecidas na comunidade como tema/objeto menos importante, significadas diferenciada e desigualmente no discurso historiográfico" (MUNIZ, 2015, p. 70).

História intelectual: um gênero masculino?

Ao pesquisar coletâneas sobre história intelectual na América Latina, publicadas no século XXI, constatei a quase invisibilidade das mulheres e da discussão sobre relações de gênero em suas composições.

Em 2008, foi publicada a importante obra *Historia de los intelectuales en América Latina* (ALTAMIRANO, 2008), dirigida por Carlos Altamirano e editada por Jorge Myers. Esse volume tem por subtítulo "La ciudad letrada, de la conquista al modernismo", o qual foca em reflexões que remontam ao período colonial e finalizam em inícios do século XX. O livro é composto por 22 (vinte e dois) capítulos – escritos por diversos(as) autores(as) –, dos quais apenas 1(um) é dedicado à análise das mulheres como protagonistas. Esse solitário capítulo foi escrito pela socióloga Dora Barrancos, que refletiu sobre as "maestras, librepensadoras y feministas" que atuaram na Argentina, entre os anos de 1900 e 1912. Algumas expressões que compõem os títulos dos capítulos da obra marcam o lugar masculino daqueles que foram considerados intelectuais, por exemplo: "los hombres de letras hispanoamericanos"¹² e "el erudito".¹³

Em 2010, Carlos Altamirano dirigiu e editou o segundo volume da obra mencionada acima, a qual possui como subtítulo "Los avatares de la 'ciudad letrada' en el siglo XX" (ALTAMIRANO, 2010). O livro é constituído por 34 (trinta e quatro) capítulos, dos quais apenas 1 (um) articulou o campo intelectual do século XX com a abordagem de gênero. Escrito por Heloisa Pontes, o referido capítulo foi intitulado "Campo intelectual, crítica literaria y género".

Na obra *Rethinking Intellectuals In Latin America*, editada por Mabel Moraña e Bret Gustafson (MORAÑA; GUSTAFSON, 2010), em 2010, dentre os 15 (quinze) capítulos não encontramos reflexões que enveredassem pelas relações de gênero ou que inserissem mulheres como figuras centrais na análise. A mesma ausência foi identificada no conjunto dos 12 (doze) capítulos da obra *História Intelectual Latino-americana: itinerários, debates e perspectivas* (SÁ, 2016), organizada por Maria Elisa Noronha de Sá e publicada em 2016. No mesmo ano, Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos

¹¹ Para reflexões sobre a importância desses teóricos no repensar da História das Mulheres, no Brasil e Argentina, ver: BARRANCOS, 2004, p. 37; MUNIZ, 2015, p. 321-322; RAGO, 1995, p. 67-82.

¹² Trata-se do capítulo escrito por Jorge Myers, intitulado: "El letrado patriota: los hombres de letras hispanoamericanos en la encrucijada del colapso del imperio español en América"; e também do capítulo "Los hombres de letras hispanoamericanos y el proceso de secularización (1800-1850)", de autoria de Annick Lempérière.

¹³ Trata-se do capítulo "El erudito coleccionista y los orígenes del americanismo" escrito por Horacio Crespo.

Hansen organizaram o livro *Intelectuais medíades: práticas culturais e ações políticas* (GOMES; HANSEN, 2016), no qual há somente 1 (um) capítulo dedicado a “uma autora e editora portuguesa”,¹⁴ em um universo de 14 (quatorze) capítulos.

Poder-se-ia considerar o resultado acima como um fato, ou seja, considerar “natural” o domínio masculino no universo letrado e a consequente lacuna percebida nas coletâneas analisadas. Afinal, estamos tratando de sociedades em que o Estado, a escola,¹⁵ a Igreja, a família e o próprio saber científico que se erguia legitimava as atuações dos sujeitos, relegando espaços limitados às mulheres. No entanto, é fundamental retomar os estudos de gênero para refletir sobre as relações de poder que envolvem as construções sociais. Conforme Joan Scott, a perspectiva de gênero “rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina”, ou melhor, o conceito elucida a “criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (SCOTT, 1995, p. 75). Logo, é preciso “pensar o efeito do gênero nas relações sociais e institucionais” (SCOTT, 1995, p. 88). A partir de tais premissas, enfatizo que é elementar questionar a escassa visibilidade das mulheres no mundo letrado e o reflexo historiográfico sobre essa questão. Como afirmou Guacira Lopes Louro, é no campo social que “se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos”, ou seja, os aparatos que justificam as desigualdades devem ser compreendidos “nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação” (LOURO, 2003, p. 22). Portanto, a ausência das mulheres nos espaços intelectualizados não é um fato,

mas sim, uma construção histórica pautada nas opressões de gênero.

Esse breve levantamento apresenta indícios de que – mesmo com a consolidação da História das Mulheres, das análises sobre relações de gênero e dos estudos feministas na historiografia latino-americana – ainda é limitada a veiculação de reflexões sobre as mulheres nos compêndios sobre História Intelectual. É significativo notar que os capítulos pontuais identificados se dedicaram a estudar mulheres que atuaram durante o século XX. Sendo assim, as mulheres que produziram durante o século XIX foram totalmente excluídas das obras consultadas. Seria esse dado a constatação de que, para muitos(as) pesquisadores(as), antes do século XX não teríamos mulheres intelectuais na América-Latina?

Inseridas em sociedades patriarcais, nas quais o desejo de subordinação feminina era evidente, as mulheres que se tornaram intelectuais, em geral, tiveram o privilégio de pertencer a famílias economicamente mais abastadas, o que lhes propiciava o acesso à educação formal, a livros, a periódicos, a teatros, a museus etc. Não obstante tais privilégios,¹⁶ foi preciso romper inúmeras barreiras sociais que tentavam delimitar o espaço de atuação das mulheres ao âmbito privado. Desta forma, para *tornar-se intelectual* era preciso romper com determinações atreladas ao gênero. Isso me leva a argumentar que para compreender o conceito de *intelectual* não se pode negligenciar os aparatos de gênero, tendo em vista que homens e mulheres não tiveram oportunidades iguais e nem mesmo reconhecimento similar no universo letrado.¹⁷

Apesar do esforço de algumas mulheres oitocentistas para superarem as barreiras impostas pelo gênero, conseguindo manter suas ideias e projetos de sociedade em circulação a partir da imprensa, ainda no século XXI, o termo intelectual

¹⁴ Trata-se do capítulo “Aventuras e desventuras de uma autora e editora portuguesa: Ana de Castro Osório e suas viagens ao Brasil”, de autoria de Angela de Castro Gomes.

¹⁵ Importantes reflexões sobre a trajetória educacional das mulheres no Brasil e na Argentina podem ser vistas em: BARRANCOS, 2007; PRADO, 2004; e LOURO, 1997.

¹⁶ Tenho ciência que as mulheres eram/são plurais, apresentando especificidades quanto à classe, raça, religião, geração etc., as quais interferem nas oportunidades de inserção no espaço público e nas instituições. Neste artigo, as reflexões focam no seletivo grupo de mulheres brancas, em sua maioria, pertencentes à elite econômica. Para pensar a vivência das mulheres negras, pobres e mestiças seria necessário outro esforço interpretativo e o acesso a outras fontes históricas.

¹⁷ Em minha tese de Doutorado, realizei uma discussão a respeito do conceito de “intelectual” e concluí que algumas periodistas, como Juana Paula Manso, devem ser consideradas intelectuais. No caso em específico de Juana Manso, defendi que ela foi uma intelectual-mediadora-feminista-transnacional. Ver: SOUTO, 2019.

permanece sendo consolidadamente masculino, principalmente se mobilizado para analisar as tramas do século XIX.

Mulheres oitocentistas em cena

Em 1821, houve a oficialização da liberdade de imprensa¹⁸ em território brasileiro, no entanto, o que se observou não foi "uma linha progressiva e ascendente de crescimento dessa liberdade". Houve, de fato, aumento numérico de títulos de periódicos, porém, "a questão do controle desta atividade seguiria uma linha sinuosa, com recuos e expansões" (MOREL, 2008, p. 34).

A história da imprensa na Argentina também passou por fases de censuras impostas pelos governantes,¹⁹ dentre outras semelhanças com a história da imprensa no Brasil, perpassando a falta de recursos, o alto índice de analfabetismo e a tardia publicação de periódicos de propriedade feminina, se comparada à atuação dos homens no jornalismo.

Nos anos 1850, o Brasil vivia o apogeu do regime Imperial, com poderes centralizados e reformas em andamento (CARVALHO, 2012, p. 98-102). Esse período também foi marcado pela dinamização urbana, com o avanço do comércio, da organização bancária e da indústria. A imprensa e a cultura, de forma mais ampla, acompanharam as transformações da época.²⁰

Na Argentina, os anos 1850 também foram marcados por transformações. Buenos Aires foi uma cidade dinâmica, abrigando manifestações públicas e festejos nas ruas. Pululavam associações profissionais – sendo a Sociedad Tipográfica Bonaerense a mais consolidada – e novos órgãos da imprensa. Era comum a presença de grande número de pessoas nos teatros, praças e cafés. Com tamanha sociabilidade, os(as) portenhos(as) desenvolveram maneiras de se organizar coletivamente para se expressar e protestar. Houve,

então, a "constituición de una esfera pública, instancia fundamental de mediación con el Estado" (SABATO, 1999, p. 166-167). Portanto, Buenos Aires, na década de 1850, foi "una sociedad dinámica, heterogénea, inestable, en transformación, donde se superponían nuevas y viejas relaciones y desigualdades" (SABATO, 1999, p. 170).

Apenas em 1852, a imprensa dirigida por mulheres e com interesses feministas apareceu, concomitantemente, no Brasil e na Argentina, sendo publicados em suas capitais os seguintes impressos: *La Camelia*, em Buenos Aires, de propriedade da dramaturga Rosa Guerra; e *Jornal das Senhoras*, no Rio de Janeiro – surpreendentemente, esse último, também de propriedade de uma argentina, a exilada Joanna Paula Manso de Noronha.

Nestas sociedades em movimento, Juana/ Joanna Paula Manso, Violante Atabalipa, Gervázia Nunezia e Rosa Guerra entraram em cena. A propósito, quem foram essas mulheres que, em um contexto de limitação da atuação feminina, fundaram órgãos para se expressar no espaço público?

A fundadora do *Jornal das Senhoras* e do *Album de Señoritas*, Juana Paula Manso nasceu no dia 26 de junho de 1819, em Buenos Aires, em uma "família culta progressista" (VASCONCELLOS, 2000a, p. 228). Sua mãe, Teodora Cuenca, era portenha de ascendência hispânica. Seu pai, José María Manso, integrou a Revolução de Maio e atuou no governo de Bernardino Rivadavia. Em 1839, a família emigrou para Montevidéu por causa das perseguições sofridas durante o governo de Juan Manuel de Rosas. No Uruguai, Juana Manso escreveu poesia, fundou uma escola para meninas, atuou na imprensa e participou de reuniões com intelectuais da denominada Geração de 1837,²¹ como Esteban Echeverría, Juan María Gutierrez e José Mármol. Em 1842, Juana Manso e seus pais emigraram para o Brasil, devido ao estado de sítio instaurado em Montevidéu, pelos apoiadores de

¹⁸ Aspectos mais amplos sobre a imprensa brasileira entre as décadas de 1820 e 1840 podem ser encontrados em: MOREL, 2005.

¹⁹ Sobre o assunto, ver: GOLDMAN, 2000.

²⁰ Sobre esse contexto impresso, ver: MARTINS, 2008.

²¹ Sobre o referido movimento intelectual, ver: MYERS, 1998.

Manuel Oribe.²² Dois anos depois, Joanna Manso casou-se com o violinista português Francisco de Sá Noronha, com quem teve duas filhas, Eulália e Herminia. Nos anos 1840, Joanna Manso escreveu romances e teatros. Em 1852, fundou o *Jornal das Senhoras*, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, após a morte do pai e a separação do marido, Juana Manso retornou para sua terra natal com suas filhas. Em 1854, fundou o periódico *Album de Señoritas* e ministrou aulas de francês, inglês e italiano para angariar alguma renda. Nas décadas de 1860 e 1870, atuou intensamente na área educacional, tornando-se uma colega de trabalho de Domingo Faustino Sarmiento. Juana Manso faleceu em 24 de abril de 1875, em Buenos Aires (DE GIORGIO, 2015, p. 49-62).

A segunda redatora do *Jornal das Senhoras*, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco, nasceu na Bahia, no dia 1.º de dezembro de 1817 e faleceu em 25 de maio de 1875, no Rio de Janeiro. Era filha do Conselheiro Diogo Soares da Silva de Bivar e de Violante Lima de Bivar (BLAKE, 1970, p. 386). Ainda criança, Violante já se apresentava em saraus na Bahia. Era poliglota, dominando o inglês, o italiano e o francês, o que lhe permitiu traduzir produções estrangeiras. Foi membro do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro, exercendo o poder de liberar ou censurar obras a serem apresentadas na instituição. Violante Atabalipa estudou canto, desenho e música, tendo sido ativa também no campo literário e jornalístico (VASCONCELLOS, 2000b, p. 194). A partir de 4 de julho de 1852 passou a ser redatora chefe do *Jornal das Senhoras*. Em 23 de novembro de 1873, no Rio de Janeiro, fundou o periódico *O Domingo: "jornal litterario e recreativo"* (VELASCO, 1873).

A terceira e última redatora do *Jornal das Senhoras*, Gervázia Nunezia Pires dos Santos Neves, foi uma mulher que, apesar da atuação no jornalismo brasileiro, não teve seus dados biográficos registrados. Nas pesquisas realizadas, as únicas

informações encontradas sobre Gervázia foram as impressas nas páginas do *Jornal das Senhoras*.²³ Ela foi redatora em chefe entre os dias 12 de junho de 1853 e 30 de dezembro de 1855. Antes de assumir a redação, Gervázia publicou textos com os pseudônimos de Gervina P., Gervina P. S. N. e Gervina N. P. dos S. N. Na edição do dia 5 de julho de 1853, foi veiculada a informação, na primeira página do *Jornal das Senhoras*, de que a redatora em chefe era "filha do fallecido Sr. Innocencio Nunes Pires" e que, recentemente, tinha se casado com o Sr. Antonio José dos Santos Neves (JORNAL DAS SENHORAS, 1853, p. 177).

Poucos dados ficaram registrados também sobre a fundadora do periódico portenho *La Camelia*. Rosa Guerra foi "educadora, escritora y periodista, nascida en Buenos Aires en fecha no conocida" (SOSA DE NEWTON, 1986, p. 294). Segundo Maria Cristina Arambel-Guiñazú e Claire Emile Martin, Rosa Guerra viveu toda a vida em sua terra natal e "causó escándalo en la sociedad porteña", devido à fundação do impresso *La Camelia*, veiculado em 1852. Dois anos depois, fundou "con mayor éxito" *La Educación*, periódico que lutou pelo direito das mulheres se instruírem. Além disso, publicou os romances *Lucia Miranda* e *La Camelia*, em 1860. Por fim, escreveu um manual didático para meninas, intitulado *Julia o la educación*. Rosa Guerra faleceu em 1864 (ARAMBEL-GUIÑAZÚ; MARTIN, 2001, p. 199).

Os periódicos que essas mulheres sustentaram devem ser compreendidos como feministas, pois diferente da "imprensa feminina, que era aquela dirigida e pensada para mulheres", a imprensa feminista, embora se direcionasse ao mesmo público, distinguia-se "pelo fato de defender causas" (BUITONI, 1990, p. 16).

No número de estreia do *Jornal das Senhoras*, por exemplo, Joanna Manso publicou um editorial direcionado às assinantes, anunciando que tinha por meta "cooperar com todas as suas forças para

²² Manuel Oribe (1787-1857) foi um político e militar uruguaio. Entre 1811 e 1816, lutou contra os espanhóis. Em 1825, combateu as tropas brasileiras no território uruguaio. Em 1834, Oribe foi eleito presidente, mas foi deposto por Fructuoso Rivera. Em 1843, apoiado pelo governo argentino de Juan Manuel de Rosas, organizou um exército e sitiou Montevidéu. Oribe assumiu o governo uruguaio em 1851, mas logo foi deposto por Rivera, Juan Antonio Lavalleja e Venancio Flores, que tinham o apoio do Brasil. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/guerra-do-paraguai/os-personagens/manuel-oribe>. Acesso em: 24 out. 2019.

²³ Everton Barbosa indicou que Gervázia Nunezia nasceu no ano de 1824 e faleceu em 1872. Ver: BARBOSA, 2016, p. 32.

o melhoramento social e para a emancipação moral das mulheres" (MANSO DE NORONHA, 1852, p. 1). Porém, antes de tal anúncio, a redatora construiu argumentos sólidos para convencer seus/ suas leitores(as) da pertinência de suas ideias. A primeira estratégia foi lançar um questionamento que as pessoas de seu tempo certamente fariam: "Ora pois, uma Senhora a testa da redacção de um jornal! que bicho de sete cabeças será?" (MANSO DE NORONHA, 1852, p. 1). Para responder à pergunta, a redatora informou que, em países como França, Inglaterra, Itália, Espanha, Estados Unidos e Portugal, era prática corrente a colaboração de senhoras para com os jornais. Sendo assim, inseriu mais um questionamento, no intuito de fazer as pessoas refletirem: "Por ventura a América do Sul, ella só, ficará estacionaria nas suas idéas, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade?" (MANSO DE NORONHA, 1852, p. 1). A própria Joanna Manso respondeu à pergunta retórica, afirmando que o Rio de Janeiro, que era Corte, capital do Império e metrópole sul-americana, certamente acolheria o *Jornal das Senhoras*. Então, observei que Joanna Manso dialogou com uma pauta nevrálgica daquele contexto: o progresso. Sua argumentação foi construída no sentido de convencer as pessoas de que o Rio de Janeiro precisava se aliar às práticas de outros países importantes para se inserir na ordem de progresso tão buscada naquela metade de século.²⁴ Para tanto, era necessário aprovar a presença feminina na direção e na colaboração do periódico recém-fundado.

As redadoras do *La Camelia*, por sua vez, esclareceram que o "génio no tiene secso", argumentando sobre a possibilidade de as mulheres realizarem produções intelectuais. Vale ressaltar que na parte central do cabeçalho do periódico era impressa a frase: "¡Viva la Confederación Argentina!". Como as publicações do *La Camelia* foram veiculadas

apenas até o dia 11 de maio de 1852, ou seja, antes do Pacto de San Nicolás, as redadoras dirigiram palavras de apoio, desde o primeiro número, tanto a Bartolomé Mitre quanto a Justo José Urquiza.²⁵ Para elas, era uma satisfação vivenciar "la nueva era" Argentina, que tinha se afastado da violência e da tirania experienciada durante o governo de Rosas. Logo, também era propósito do *La Camelia* defender uma sociedade pautada em direitos políticos e sociais. As redadoras esclareceram que o lema do periódico era "Libertad, no licencia", apresentando o direito de conquistar a liberdade que os homens admitiam apenas para si. Conforme o editorial, *La Camelia* não buscava promover a anarquia, mas sim a liberdade por meio da equidade (LA CAMELIA, 1852, p. 1).

Cabe mencionar, para mais um exemplo, que, no primeiro editorial do Álbum de *Señoritas*, Juana Manso revelou que a meta do seu novo periódico era "ilustrar" suas compatriotas e isso culminaria em: "Emanciparlas de las preocupaciones torpes y añejas que las prohibian hasta hoy hacer uso de su inteligencia, enagenando su libertad y hasta su conciencia, á autoridades arbitrarias, en oposición á la naturaleza misma de las cosas" (MANSO DE NORONHA, 1854, p. 1). Juana Manso de Noronha ainda almejou mais:

[...] quiero, y he de probar que la inteligencia de la muger, lejos de ser un absurdo, ó un defecto, un crimen, ó un desatino, es su mejor adorno, es la verdadera fuente de su virtud y de la felicidad doméstica porque Dios no es contradictorio en sus obras, y cuando formó el alma humana, no le dio sexo – La hizo igual en su esencia, y la adornó de facultades idénticas – Si la aplicacion de unas y de otras facultades difiere, eso no abona para que la muger sea condenada, al embrutecimiento, en cuanto que el hombre es dueño de ilustrar y engrandecer su inteligencia; desproporcion fatal que solo contribuye á la infelicidad de ambos y á alejar mas y mas nuestro porvenir (MANSO DE NORONHA, 1854, p. 1).

Para atingir metas tão significativas como o desenvolvimento intelectual das mulheres, a

²⁴ Ana Maria Mauad refletiu sobre a imagem e autoimagem do Império brasileiro, a partir dos registros fotográficos de meados do século XIX. Neste trabalho, Mauad constatou a preocupação de D. Pedro II em transmitir a imagem de um Brasil "moderno e culto" aos padrões da cultura ocidental. Logo, houve uma clara preocupação em inserir o Império brasileiro na senda do "progresso" oitocentista. Ver: MAUAD, 1997.

²⁵ Fiz esta ressalva pois, em 1853, foi constituída a Confederação Argentina, sendo Urquiza eleito presidente constitucional do país. No entanto, Buenos Aires não se integrou à Confederação e sua liderança ficou nas mãos de Mitre.

liberdade de consciência, o reconhecimento e o respeito pelo intelecto feminino, além da consequente felicidade de homens e mulheres, Juana Manso esperava contar com a "proteccion" de seus/suas compatriotas.

As *periodistas* em questão faziam a defesa enfática do desenvolvimento intelectual das mulheres, pois tinham ciência que tal prática era prerrogativa elementar para a vida cidadã. Logo, era preciso acesso ao conhecimento e respeito para com as mulheres nos âmbitos público e privado, para que a atuação feminina nas sociedades cariocas e portenhas fosse efetiva e relevante. Portanto, as pautas veiculadas nestes órgãos de imprensa foram amplas, permeando reconhecimento da igualdade da capacidade intelectual entre mulheres e homens; acesso das mulheres ao conhecimento científico; "ilustração" feminina; participação política e direitos políticos para as mulheres; liberdade de expressão; liberdade de ir e vir; progresso; moralidade; justiça social; fim da condição de submissão feminina; transformação nos métodos de ensino; acesso à educação pelos pobres; modernização legislativa; abolição da escravatura; inserção dos índios na nação argentina; fortalecimento do sentimento nacionalista; formação de sujeitos "úteis" para a pátria; fim da violência física contra as mulheres; reestruturação política e social da América do Sul.

A partir da constatação do envolvimento das mulheres na vida em sociedade, é fundamental repensar as narrativas históricas que nos legaram memórias sobre a condição feminina no século XIX, que se reduzem às práticas do âmbito privado. É preciso olhar para o passado e para seus agentes com lentes multifocais, para perceber que as tramas se constituem de projetos apresentados – nem sempre vencedores – que tiveram a capacidade de tensionar as relações de poder, influenciando no devir histórico e historiográfico. Logo, se na segunda metade do século XIX, as mulheres tiveram direitos e acessos desiguais, não significa que todas se adequaram à ordem vigente e deixaram de lutar por dias melhores. Tais práticas de resistência certamente influíram no jogo político, afetando as configurações de sociedade que estavam sendo

construídas. Portanto, não se deve negligenciar as ações de sujeitos que se expressaram e apresentaram projetos outros de sociedade para compreender a arquitetura das conjunturas e estruturas históricas. Apesar do apagamento histórico e historiográfico, ainda infelizmente presente, as mulheres oitocentistas estiveram em cena, atuando intensamente com papel e tinta à mão.

Considerações finais

O questionamento que conduziu as reflexões apresentadas neste artigo deve ser respondido de forma afirmativa, ou seja, as mulheres de imprensa oitocentistas podem nos apresentar outras possibilidades de leitura das sociedades carioca e portenha de seu tempo. Afinal, a partir da análise de suas tramas pelo mundo da imprensa, podemos repensar o jogo político da segunda metade do século XIX, ampliando nosso olhar para os projetos em pauta naquelas sociedades em transformação, compreendendo que as mulheres também formularam projetos sociais. Logo, as configurações sobre as nações em formação não eram exclusividade dos homens, a escrita feminina teceu seus fios dialógicos com as produções oitocentistas, arquitetando um "outro mundo possível". Sabemos que grande parte das pautas feministas não foram contempladas naquela segunda metade de século XIX, o que não significa que devemos ignorá-las ao estudar os processos históricos, pelo contrário, para compreender a complexidade dos tempos passados, é elementar acessar as disputas vigentes.

Estudar a imprensa feminista me fez perceber os perigos do "esquecimento" das mulheres, da falta de conhecimento sobre suas ideias e da incompreensão sobre suas pautas. Penso ser urgente estimular releituras das produções femininas, bem como o conhecimento mais refinado dos contextos históricos, de modo que sejam realizadas análises mais coerentes – e talvez mais justas – das ações das mulheres na América Latina.

O repensar apresentado neste artigo sobre as sociedades cariocas e portenhas, na década de 1850, e as problematizações sobre as ausências nas produções historiográficas só se tornaram

possíveis devido ao avançar dos campos de pesquisa História das Mulheres, Relações de Gênero e Estudos Feministas, os quais têm contribuído para a construção de narrativas históricas mais amplas e complexas e, por que não, menos sexistas e preconceituosas.

É tempo de avançar nas reflexões sobre a História da Imprensa, questionando suas falsas impressões, que registraram experiências seletivas, valorizando, em geral, sujeitos ligados ao poder político e econômico. É tempo de estimular os debates em áreas como a História Intelectual, ainda tão centrada no gênero masculino, instigando um olhar mais diverso sobre as produções daqueles(as) que pensaram a nossa sociedade. Ainda é tempo de vasculhar os arquivos e os acervos pessoais para colocar em cena sujeitos apagados da memória coletiva e das produções historiográficas, rompendo os silenciamentos aqui e acolá. É sempre tempo de lutar *com* os movimentos sociais em prol de narrativas criteriosas e de um mundo mais libertário.

Referências

ALTAMIRANO, Carlos (dir.; ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Los avatares de la 'ciudad letrada' en el siglo XX. Buenos Aires: Katz, 2010. v. 2.

ALTAMIRANO, Carlos (ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: Katz, 2008. v. 1.

ARAMBEL-GUIÑAZÚ, María Cristina; MARTIN, Claire Emilie. *Las mujeres toman la palabra*: escritura femenina del siglo XIX. Madri: Iberoamericana; Frankfurt: Volvert, 2001. tomo I.

BALBUENA, Yamila; CONSTANZA, Canela. Feminismo y historia de las mujeres en la historiografía posdictadura. In: JORNADAS DE SOCIOLOGÍA DE LA UNLP, 7., 2012, La Plata. *Anais* [...]. La Plata: dec. 2012.

BARBOSA, Everton Vieira. *Páginas de sociabilidade feminina*: sensibilidade musical no Rio de Janeiro oitocentista. 2016. Dissertação (Mestrado em História e Sociedade) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2016.

BARRANCOS, Dora. Historia, historiografía y género. Notas para la memoria de sus vínculos en la Argentina. *Revista de Historia Social e Mentalidades*, Santiago, v. 1/2, p. 35-65, 2004.

BARRANCOS, Dora. *Mujeres en la sociedad argentina*: una historia de cinco siglos. 2. ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2007. *E-book*.

BELTRÁN, Oscar R. *Historia del periodismo argentino*: pensamiento y obra de los forjadores de la patria. Buenos Aires: Editorial Sopena Argentina, 1943.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. v. 7.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

CANO, Inés. El movimiento feminista argentino en la década de 1970. *Todo es historia*, Buenos Aires, año XVI, n. 183, 1982.

CARVALHO, José Murilo de. A vida política. In: CARVALHO, José Murilo de (coord.). *A construção nacional (1830-1889)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA; Madrid: Fundación Mapfre, 2012. v. 2.

DE GIORGIO, María Julia. Itinerário biográfico. In: MANSO, Juana. *Mistérios del Plata*: romance histórico contemporâneo. Organização de Zahidé L. Muzart. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2015.

DE MARCO, Miguel Ángel. *Historia del periodismo argentino*: desde los orígenes hasta el centenario de Mayo. 1. ed. Buenos Aires: Educa, 2006.

DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/UNESP, 1997.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DOS SANTOS, Estela. *Las mujeres peronistas*. Buenos Aires: CEAL, 1983.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores*: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 1989.

ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas*: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FEIJÓO, María del Carmen. *Las feministas*. Buenos Aires: CEAL, 1980.

FERNANDEZ, Juan Romulo. *Historia del periodismo argentino*: primer premio del concurso organizado por el Circulo de la Prensa. Buenos Aires: Librería Perlado Editores, 1943.

GÁLVEZ, Lucía. La mujer en la conquista del río de la Plata y Tucumán. *Todo es historia*, Buenos Aires, n. 232, 1986.

GIL LOZANO, Fernanda; PITA, Valeria Silvina; INI, María Gabriela (dir.). *Historia de las mujeres en la Argentina*. Buenos Aires: Taurus, 2000.

GOLDMAN, Noemí. Libertad de imprenta, opinión pública y debate constitucional en el río de la Plata (1810-1827). *Prismas*: Revista de Historia Intelectual, Bernal (Argentina), n. 4, p. 9-20, 2000.

- GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (org.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- GUIDOTTI, Marina Liliana. Juana Manuela Gorriti, una periodista argentina del siglo XIX. *Caracol 2*, São Paulo, n. 2, p. 42-72, 2011.
- GUIVANT, Julia Silvia. *A visível Eva Perón e o invisível rol político feminino*. 1980. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1980.
- GUIVANT, Julia Silvia. *Memorial de atividade acadêmica*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. p. 9. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/176891/MAA_Julia%20Silvia%20Guivant.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 22 abr. 2018.
- HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas (1850-1937)*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- HAHNER, June E. *A mulher no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- HENAULT, Mirta. *Alicia Moreau de Justo*. Buenos Aires: CEAL, 1983.
- JORNAL DAS SENHORAS, Rio de Janeiro, 5 jun. 1853, p. 177.
- LA CAMELIA, Buenos Aires, 11 abr. 1852, p. 1.
- LEITE, Miriam Moreira. *Outra face do feminismo*: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.
- LOURO, Guacira Lopes. A emergência do "gênero". In: LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- MACIEL, Laura Antunes. Imprensa, história e memória: da unicidade do passado às outras histórias. *Patrimônio e Memória*, Assis, v. 5, n. 2, p. 58-81, dez. 2009.
- MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. As nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 1 jan. 1852, p. 1.
- MANSO DE NORONHA, Juana Paula. La redaccion. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, 1 jan. 1854, p. 1.
- MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MAUAD, Ana Maria. Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado. In: ALENCASTRO, Luís Felipe de (org.). *História da vida privada no Brasil 2: Império: a Corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MORAÑA, Mabel; GUSTAFSON, Bret (ed.). *Rethinking Intellectuals In Latin America*. Iberoamericana: Madrid; Vervuert: Frankfurt, 2010.
- MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial, 1820-1840*. São Paulo: Hucitec, 2005.
- MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Feminismos, epistemologia feminista e história das mulheres: leituras cruzadas. *OPSI*, Catalão, v. 15, n. 2, p. 316-329, 2015.
- MYERS, Jorge. La revolución en las ideas: la generación romántica de 1837 en la cultura y en la política argentinas. In: GOLDMAN, Noemi (dir.). *Nueva historia argentina: Revolución, República, Confederación (1806-1852)*. Buenos Aires: Editorial Sudamerica, 1998.
- OSTA VÁZQUEZ, María Laura. Uma síntese da história das mulheres na Argentina. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 921-935, set./dez. 2009.
- PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 270-283, jan./jun. 2011.
- PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.
- PRADO, Maria Ligia Coelho. Universidade, Estado e Igreja na América Latina. In: PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- RAGO, Margareth. Descobrimos historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 11, 1998.
- RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 67-82, out. 1995.
- SÁ, Maria Elisa Noronha de (org.). *História intelectual latino-americana*. Rio de Janeiro: Editora PUC-RJ, 2016.
- SABATO, Hilda. La vida pública en Buenos Aires. In: BONAUDO, Marta (dir.). *Nueva historia argentina: liberalismo, Estado y orden burgués (1852-1880)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família: São Paulo século XIX*. São Paulo: Marco Zero; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- SOSA DE NEWTON, Lily. Cien años de periodismo. In: GIL LOZANO, Fernanda; PITA, Valeria Silvina; INI, María Gabriela (dir.). *Historia de las mujeres en la Argentina. Colonia y siglo XIX*. Buenos Aires: Taurus, 2000.

SOSA DE NEWTON, Lily. *Diccionario biográfico de mujeres argentinas*. Buenos Aires: Plus, 1972.

SOSA DE NEWTON, Lily. *Diccionario biográfico de mujeres argentinas*. 3. ed. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1986.

SOSA DE NEWTON, Lily. *Las argentinas de ayer y de hoy*. Buenos Aires: Zanetti, 1967.

SOUTO, Bárbara Figueiredo. *Mulheres e ideias impressas: projetos feministas de emancipação em periódicos do Rio de Janeiro e Buenos Aires (1852-1855)*. 2019. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

VASCONCELLOS, Eliane. Joana Paula Manso de Noronha. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000a.

VASCONCELLOS, Eliane. Violante de Bivar e Velasco. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000b.

VEIGA, Ana Maria. Estudos de gênero na Argentina – olhares contemporâneos sobre o tema. Entrevista com Andrea Andújar e Alejandra Ciriza. *História Unisinos*, São Leopoldo, RS, v. 14, n. 2, p. 226-232, maio/ago. 2010.

VELASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. *O Domingo*, Rio de Janeiro, 23 nov. 1873.

WAINERMANN, Catalina; NAVARRO, Marysa. *El trabajo de la mujer en la Argentina: un análisis preliminar de las ideas dominantes en las primeras décadas del siglo XX*. Buenos Aires: CENEP, 1979.

Agradecimentos

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa concedida nos momentos iniciais do doutorado, sem a qual seria inviável minha viagem a Buenos Aires, para pesquisas em arquivos e bibliotecas.

Bárbara Figueiredo Souto

Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, (UFMG), em Belo Horizonte, MG, Brasil; professora da Universidade Estadual de Montes Claros, (Unimontes), em Montes Claros, MG, Brasil.

Endereço para correspondência

Bárbara Figueiredo Souto

Universidade Estadual de Montes Claros/ Centro de Ciências Humanas (CCH)

Grupo de Pesquisa e Estudos Gênero e Violência (GPEG)

Av. Rui Braga, s/n, prédio 2, 2.º andar

Vila Mauricéia, 39401089

Montes Claros, MG, Brasil